

204

Banco do Estado
de São Paulo S.A.

banespa

Emissor

Trabalhadora ...
Grupo da Gata

Destinatário

FRASES: JUVENILIDADES SURIVERTEN

condição: dois praticantes(um vermelho, outro amarelo), uma mesa (verde); duas cadeiras(uma vermelha, outra amarela).

Os atores estão espalhados pelo palco, vestindo personagens de peça. Uma ritualização no labirinto é precedida de um em um, simbolizando os momentos da passagem da vida para o teatro. As frases, entre a música de "Juventudes Suriverten", ao final desta passagem, os atores ocupam a boca de cena. Lá ficam carregando uma placa com os diálogos: "A incapacidade de ser verdadeiro", síntese poética do espetáculo, músicas e as frases. Os atores cantam:

"são como as juvenlidades suriverten
as franjas flâneas das bananeiras
As conversas das araras
Os rubis dos corais
Os tirilhões dos sabões e das janelas
Inabarcáveis, os cajões, as mangas
Todos almejam localizarem-se todofantasmamente
na fronte celestriação do universal

são como as juvenlidades suriverten
as forças vivas do torção metal
As ignorâncias literárias
Os novos sons pseudofascistas
Entre os submissos das destituições
Todos para a festação mística do universal
são como as juvenlidades suriverten
são como as juvenlidades suriverten
são como as juvenlidades suriverten."

[A música cede e um grito grinal, ao fim ficam, todos sem
movem o carrador, que deposita a placa no fundo.]

Cena 11 - A incapacidade de ser verdadeiro

Ferreira: Paulina tinha fama de ser muito mentirosa.

Paula: (Entrando) Mãe, mãe...

Mãe: O que foi, coração!

Paula: Sobre? Quando eu viam vindo, vi no tempo dois dragões da independência resplandecer e tudo fotomontagem.

Mãe: Mentindo por mim, Paulina. Fica aí de castigo, a-
já aprender a não mentir outra vez.

[Um tempo. Entra o tom de Papagaio, d' "A Flauta Mágica", aparo-
dos duas pedras, levando uma das maracas, atrelado Paulinho. Ele
tenta pegá-las, mas fogem.]

Paula: Mãe, mãe...

Mãe: O que foi, coração.

Paula: Sobre. Já na minha creche? Hoje caiu, bem no pátio, um
pedaço de tua cadeira cheia de biscoitinho, que parecia
quidjô. Aí, eu fui procurar, e tinha gosto de quidjô
mesmo.

[A mãe dá um salto]

Mãe: Amém! (agarra na creche) Por causa dessas mentiras,
vai ficar uma semana sem comer biscoito e uma semana
sem jogar futebol. Afica de castigo aí, ajoelhada no
meio...

[Um tempo. Música: trecho de "Imagens" de Debussy. Alguns coelhos
marachas Paulinho.]

Paula - Mãe, mãe...

Mãe: O que foi, coração.

Paula: Sobre? Quando eu tava passando pela calçada da São El-
pídio, viam todas as borboletas da terra e elas que-
riam formar um tapete verde pra eu levar pro sétimo
côo.

[A mãe quer ficar louca, mas desiste, desamém.]

Mãe: Eu não sei mais o que fazer com esse menino. Será que
eu vou ter de levá-lo aos médicos?

(Entra o doutor, que é o mesmo ator que fazia o narrador, seguido de sua enfermeira, que todo tempo pede silêncio. O Dr. continua fazendo a distância. Depois vai até a mãe.)

Doutor - (abaixa a cabeça)

Mãe : Oohhh !!!

Doutor : Nada a fazer, Dona Celô, nada a fazer. Este menino é um verdadeiro caso de poesia.

Mãe : Meu filhinho. Um caso de poesia? (Chora).

(A mãe, fazenda e a enfermeira saem por um lado, lamentando o triste destino da menina. O médico sai pelo outro lado, levando a placa.)

CENA 2: A MESA FALENTE

(Música: abertura de Vertigo, de A.Mitchcock. Música de suspense " Uma atriz entra com um grande pano vermelho, e o estande sobre a mesa montada no centro da sala, por misteriosa. Entra o leiloeiro, figura dracunculana.)

Leiloeiro: Vamos repetir. Senhores e Senhoras. Esta mesa que ora apresenta neste salão público, pertence ao famoso e famoso Akshove Feitosa. Durante ininterruptos vinte anos serviu a seus trabalhos. (Pausa) quem já usou? (Pausa) (O leiloeiro estende o leilão à platéia. Depois de alguns instantes, fecha o leilão.) Salão considerado a vendida ao distinto casal. A mesa falante é toda sua.

(Pai, o casal está muito contente com a nova aquisição.)

Pai : O salão, querida?

Mãe : Sim, querido, sim.

Pai : E custou uma ninharia, querida.

Mãe : Não importa, querido. O importante é que parece que foi feita sob medida para a nossa sala de jantar.

Pai : E que sorte termos comprado as cadeiras no salão pagado, não é querido?

Mãe : Perfeito, querida. Agora vim fazer uma sala de jantar completa e algar de um alto funcionário do Banco de Estado de São Paulo. (Pausa de satisfação) querida, estou tendo uma idéia.

Pai : É que idéia é essa, querida ?

Mãe : Lembra-se o aniversário de nossa pequena Leonarda, quinze anos, querido. E eu pensava, que poderíamos festejá-lo com um jantar. (Recordada com a mesa) vinte convidados e que lhe pareço, querido?

Pai : Bem, querida ...

Mãe : A nossa Leonarda iria adorar. E é claro, querido, que falto de uma coisa bem simples, apenas a família e os seus amigos mais íntimos.

Pai : claro querida, claro.

Mãe : Desta vez, querido, poderíamos convidar o Conde Papavistasi. Esta daria um toque de nobreza ao jantar.

Pai : Oh, sim, querida. Excelente idéia. A nossa Leonarda vai adorar. (Já se apressando para os preparativos, música "a vida alegre". Entra um garçon levando um bolo de aniversário.) (Papai e mamãe voltam agitados. Leonarda vem junto. mamãe lhe dá os últimos toques. To-cam a campainha.)

Mãe : (peito contente) Chegaram os convidados. Deixa que eu atendo, querido. (Abre a porta e entra um grupo enorme de pessoas: Tios, Tias, primos, avós, etc...Clima de festa. Prostratos, felicitações, beijos. Todos abraçam a nossa, papai e mamãe sem ligar, apenas agradecem. Mamãe fala em particular com papai.) E o Conde, querido, não vem ?

Pai : Não se preocupe, querida. Ele deve estar a caminho. Vê se sabe como são esses condes italianos, não é querida. (Os seus os convidados arrastam. bochechos de bandaja, canapés, conservas. Outra vez mamãe e papai em particular)

Mãe : E o Conde, querido, não vem já é tão tarde...

Pai : Deve ter acontecido alguma coisa, querida. Alguém com-
trepou ...

Mãe : Mas todo mundo já está reunido. As crianças já des-
niram. E se perturbamos ao jantar, querida?

Pai : É uma boa ideia, querida. Vamos. (Para todos, alapat-
cões! Mãos familiares; Vamos comer ... (Todos se colo-
cam de volta à mesa! O vício, querida. (Todos se seg-
vam. Leonarda está ao centro) Um brinde à saúde de
nossa Leonarda. (Brindam)

1.ª tia : Leonarda, que esta noite se repete por muitos e muitos
anos, e que todos os seus sonhos se transformam em re-
alidade. (Brindam)

Mãe : Quisesse anos, querida, quinze anos. (Molha-a e brin-
da novamente. Papai para o coro)

Todos : (Cantam) Parafúas é você...

[A mãe começa a levitar. As pessoas com a voz ficando embargada.
mãos piscam. Barulho de vento fortíssimo. Fantasma alva. Al-
gumas pessoas tentam correr, mas são atiradas ao chão, contra as
paredes, por uma força estranha. Outras ficam paralisadas, pres-
sas às suas cadeiras, pálidas. A mãe recruta movimentos extra-
ños. Derramadas sinistres pela sala. Alguns tentam deter a mãe
mas ela se comporta como um cavalo selvagem. Já Leonarda sorri,
impossível com ela se transe, assim como começou, o fenômeno ter-
mina. Aos poucos as pessoas começam a se mover.]

Mãe : (Estatísticas) A mãe era de um médium. A mãe era de
um médium. (As pessoas vão se recompondo, se ajudam e
se ajudam. Ninguém vê alguma coisa na toalha e dá um
grito. Desseio. Correm para ver, em frente de Leonar-
da, o vício derramado derramou uma cruz)

Pai : Oh, o vício derramou uma cruz ... Leonarda, Leonarda.

Mãe : Ela está assente.

2.ª tia : Eu não sei o que significa, mas sua coisa é que não
é.

Mãe : Uma cruz, e ainda vermelha. Não pode ser sangue.

Mãe : será um mau presidiário? (a tia adoma que sim e a confor-
ta) Ah! a minha filhinha...

1ª Tia : (recuperando-se) se tivessem me falado que a mena era
de um médico, eu nem tinha vindo.

Pai : calma, calma... (Toca a caspalata) Todos mudados.
(Papai decide abrir a porta) donde ?

Conde : Francisco, se que ha passado vai lá

Pai : (surpreso, indo para Leonarda) lá Francisco, metafisi-
ca, parapsicologia

Conde : (olhando para a toalha de mesa) miróculo, miróculo. Ah
vá é lá cruz do meu braço. Ah! agora, imediatamente
prende si ao curo lá! Ah! agora! andamos a la Itália

(entre "Viva os reis" da ópera Cavalleria Rusticana de Mascagni. O
conde e Leonarda são levados pelas convidadas sobre o praticé -
val, imitando um navio. Grita as músicas)

CENA 3 : NASCIMEN TO MAMA

(Uma mulher grávida começa a sentir as dores do parto. O marido a
ajuda. As outras mulheres a retiram do recinto. O marido anda
de um lado para o outro, nervoso.ouve-se um choro de criança.

Marcos : 1) O marido, acompanhado pelas outras mulheres vão de di-
reção ao quarto onde a mulher deu a luz. Uma das mulheres que a-
companha o parto aparece e se detém)

Mulher : podem ficar tranqüilos. nossa senhora da boa hora nos
auxiliou...

Pai : e então ?

Mulher : O Sr. é pai de uma linda menina. Mãe e filha parecem
muito bem.

Pai : (Exaltado) Uma menina! Va sua pai de uma linda meni-
na ! (as mulheres o comprimentam) Mas e a nome? as fontes
minhas teriamos várias, mas uma menina... não pensei
em nome de meninas. (as mulheres sugerem vários, mas o
pai não gosta de nenhum). Francisco de um dicionário.
(Uma mulher sai para buscar) Váaaa abra-la a agora e

A palavra mais bonita que for encontrada na página será a sílta.

Mulher 2 : (Entrando com o dicionário) Aaaá está!

Pai : Oróide quer dizer "sílta habitante dos bosques... tal vog de Nissa, das grutas, das montanhas.

Mulher : Possivelmente das montanhas do sul do adas.

(Entra um trecho do "Daphnes e Glor", de Nissal)

(Oróide aparece no fundo, vai cruzando o stage, procurando a lta no centro da cena) (como a sílta)

Mãe : (Do dentro) Oróide, Oróide. (A mãe se detém, a mãe entra) Oh! Nissa filha, é hora de termos uma conversa. Você já é uma moça, precisa se divertir, começar a frequentar festas....

Oróide : Mas mãe, você sabe que prefiro casinhar a esse país estranho, as lutas da cidade.

Mãe : Ora, ora, ora, nissa filha. Você é jovem e tem um rogo tão bonito. Veja a alegria estampada em suas feições.

Oróide : Mas mãe, você sabe que prefiro casinhar a esse país estranho, as lutas da cidade.

Mãe + Mãe Oróide, nissa filha.

Oróide : Prefiro subir aos montes, e ficar lá em cima ouvindo as vozes naturais, as vozes dos passarinhos. (Sai. A mãe suspira fundo, e sai também.) (Pai e mãe entram aflitos e se encontram no centro).

Pai : Onde está Oróide ?

Mãe : Não para um passeio e ainda não voltou ?

Pai : Oróide, onde está Oróide ?

(Procuram Oróide desesperadamente)

Mãe : Alguém viu Oróide? Por onde anda Oróide?

Pai : Ninguém viu Oróide? Onde está Oróide?

Mãe : O que aconteceu com Oróide?

Pai : Ninguém viu nome Filha Oróide ?

(Oróide entra vestida com sua túnica leve, asas de gruta, os pais vão ao seu encontro emocionados, mas ela se detém.)

cidade : Não, (Os pais rogam) Vem para uma visita breve, logo
vo que desloques o seu marido,

(Entre o "Prêlo e la aprén-sidi' au fauor" de Debussy - na mesma
cena com sua filha, dança com Grégoire, momento de grande sensua-
lidade. Ocupa o centro do palco. Música e luz desaparecem [em -
tamente,])

CENA 4 : O LAGO DA FORMIGA

(Música: "Amores clandestinos", com Billy Vaughn, luz na formiga:
que se movida. Os outros atores montam uma platéia de cinema. A
luz sobre lentamente na platéia. A formiga entra a lona de cima e
se dirige para entrar no cinema. As trilha, aparece uma cena de
sensibilidade, com Ingrid Bergman e Humphrey Bogart.)

Formiga : Meu senhor, se parecia uma criança. Este cinema não tem
bilhetes? Na entrada e aliagão se pedis bilhetos?

Os homens : Até aí nada demais, não é mesmo costume exigir bilhete
de entrada de formiga.

Formiga : Tem razão. Não licença é

Platéia : Pois lá está formiga !!

(A formiga senta-se, começa a assistir. Passa, via fica intrigada
não entende. Fala com a senhora ao lado.)

Formiga : Ah, pensei que fosse traidor, mas estou vendo que já
conseguiu não estar entendendo nada !!!

Senhora : Não seria melhor a senhora solicitar ao gerente que lá
interessa a projeção para começar do princípio ?

(A formiga um pouco ofendida, pede licença e muda de lugar).

(Senta-se ao lado de um senhor distante.)

(A formiga está tão encantada por estar sentada ao lado de uma co-
velheira, que nem percebeu que se tratava de uma aranha. O ag
uma picada e cheio de ar. Entra o tema de "O Vento Levou ...")

Senhor : Que este homem ... (suspirando) Parece tratar-se de
uma das mais raras espécies de formigas brasileiras.
(Suspirando, seguindo) Muito interessante..., estas sapa-
tes, ah!! estas sapaes. (A formiga corre entre tãdi-

da e oferecida numa quem diz: "Eu mesma" e o homem entrega as ações de tão contente e a toma nos braços declarando-se.) Vou-se até a 7.001ª formiga da minha coleção e (aparece a formiga, que respira: Oh! Amore mio! - tal arrastando a pelas pernas. Cada espectador lê-se tristemente na cadeira, e o cinema se desmancha. "O vento levou..." vai se fundindo com "a última sessão do cinema", de Milton Nascimento.)

CENA 5: É AÍLA NAS FORMIGAS

[Entram quatro garçons e montam a mesa de um bar.] Ao final, entra Otávio e Isadora, e se sentam à porta da mesa.]

Otávio : O amor das formigas, você já observou o amor das formigas?

Isadora: Não. (ela nunca observara o amor das formigas)

Otávio : (Retrazendo) Sim eu. (sustentando) Alô, nunca ninguém observou o amor das formigas.

Isadora: (ponderando) Mas as entomologistas...

Otávio: Não! as entomologistas pensam que observam, mas as formigas são muito discretas. Mas são como os homens e as mulheres, que namoram público.

Os garçons: Quando a conversa continuava, surgem as novas trilhas de formiga...

O outro: Uma formiga aparece, na ponta da toalha de mesa, e foi subindo... (Otávio acompanha a ação das formigas com os olhos)

O outro: Outra formiga veio ao segredo... (Isadora idem com esteções que continuavam as tentas, depois...

Os garçons: Depois juntos os tubérculos nas movimentações síncricas [entre "why don't we do it in the road?" com "the Beatles". Otávio brinca com Isadora sobre a mesa, corta, se deita se res-sampa, volta a música inicial]

Isadora: Você acha que elas se amam?

Otávio : Se nada além. Trocaram sinais de carência apenas. Não, querida, ninguém ama com a toalha. É estatua

to o contrário: a cabeça atrapalha.

Isadora : Pois eu acho o contrário do contrário. As farsigas podem ser mais controladas do que não e usar a alma do coração, de um modo perfeito.

(Está a farsa surrada, bate a mão na mesa. Sim. As garças do braço e tesão tira-a e sai.)

Cena 4 : Um altar é montado no palco, utilizando-se uma cadeira. Uma toalha branca é estendida na parede, cobrindo a "coral" de Cesar Frank. Irmãos e amigos entram e ocupam seu lugar no altar. Um grupo de bestas adentra a cena, se bem-vinda. Entra a mulher sedutora, vestida de vermelho, fundindo seu canto no "Coração Santo". Espanto. As bestas saem, permanecendo somente o canto da mulher.

Sacristão: Quem está aí?

(pausa)

Sacristão: Quem está aí? responde...

(aproximando-se da sedutora mulher com cabeça de mula. Sim! fuma o solta fumaça pelas narinas.)

Mulher: Vai a mula com cabeça, via para se confessar.

Sacristão: Ita, não se faça de bosta!

Mulher: Quero queimar meu malfeitamento.

Sacristão: Para mim você não é mula com cabeça, não... pois se não temo sua cabeça.

Mulher: Consequi cabeça só para falar com o vigário. Mas sua cabeça não tem língua...

Sacristão: Afaste-se pois é uma mula com uma fugida de pasta de corcova. Saia imediatamente daqui.

Mulher: Por favor, seja compreensivo comigo e peça para o vigário se deslocar, ouvindo-me em confissão.

Sacristão: Calma-te em nome dos céus! O senhor vigário não pode ouvir em confissão uma mula com cabeça, sem uma palavra. Vá farto e fora!

Mulher: (Aproximando-se) Por favor, se ajude.

Sacristão: Não se aproxime! Vá dando o fora, já disse!(Pega a vareira para brandi-la contra a quase insólita figura. Neste momento, uma música e uma luz vêm sobre ela, que lentamente se jorra da cabeça do menino, ataca uma das alças do vestido, e desliza e arrebentando, cambia lentamente direção ao sacristão) Não se aproxime! Vá embora....

Mulher: (Cada vez mais perto) Por favor, sacristão... Você precisa se ajudar... Por favor.

Sacristão: (Recuando) Afaste-se de mim, figura insólita! Vá, vá, afaste-se! (Recuando mais) Vá embora! Já imediatamente daqui não se aproxime mais... (Aos poucos, mulher e sacristão vão desaparecendo a-trás do altar.ouve-se apenas a voz do sacristão : dissimulando, perdendo a resistência, entregando-se - Não! Por favor, não!! Não não... não... não..... (Música e luz desaparecem).

QUEDA 7 - DÍLOGO FINAL

(Entram um homem e uma mulher, com um carrinho de bebê, e se colocam cada um em um lado do palco.)

Homem : É tudo o que tem a me dizer?

Mulher : É.

Homem : Mas você disse tão pouco.

Mulher : Disse o que tinha pra dizer.

Homem : Sempre se pode dizer mais alguma coisa.

Mulher : Que coisa?

Homem : Sei lá. Alguma coisa.

Mulher : Você queria que eu repetisse?

Homem : Não, queria outra coisa.

Mulher : Que coisa é outra coisa.

Homem : Não sei, tudo que deveria saber.

Mulher : Por que eu devia saber alguma coisa que você não sabe ?

Homem : Qualquer pessoa sabe mais alguma coisa que o outro não sabe.

Mulher : Eu só sei o que eu sei.

Homem : Então não vai mesmo me dizer nada nada?

Mulher : Nada nada.

Homem : Se voce quisesse...

Mulher : Quisessen? e que?

Homem : Saber o que você não sabe. o que eu queria ouvir é de você. Eu sei é o que há de mais importante, o que agora não sabe.

Mulher : Mas tudo acabou entre nós.

Homem : Toda isso é o mais importante de tudo: o que acabou. Você não me diz mais nada sobre o que acabou? Seria uma forma de continuarmos. Diz alguma coisa!

[A luz vai sobre o homem. A mulher pega o carrinho e cruza a cena.]

CENA 8: MÃE DO DIA

[Edwiges sentada com o bebê nas carrinhas. É dia das mães. Ela está triste e demandada. O bebê chora de vez em quando.]

Edwiges : Filhinho, hoje é dia das mães...e eu não tenho nada quem o celebre. Você ainda é tão pequeno, está tão longe de poder fazê-lo. (O bebê chora.) Ela lhe dá uma mamadeira! Ela poderia ir numa loja que quer e se comprar um presente, mas sabe que não tem nenhuma graça, e ainda de mais, não tem dinheiro para isso: (cantando uma cançãozinha) Não adianta, viu, filhão. a vida é assim mesmo. Alguns nas minhas, que são filhos grandes e que prestam homenagem à mãe, tem que se considerar para saber lá suas fontes...mas tenho repugnância de se pensar nisso. Imagina filhinho. É como se eu furtasse alguma coisa. (Bateja e murcha a sua cachito. Música de sonho: criando vida. Um jovem de 18-anos coloca-se ao lado de Edwiges.)

Homem : Bom dia, Sigafredo. Por um acaso não seria esta a tua alma?

Sigafredo: [olhando bem] Não, não que não...

Homem : Se não é porque não tem certeza.

Sigafredo: [Convicto] Não, esta não é minha alma perdida.

Homem : Experimenta.

Sigafredo: Não precisa. Já de outro jeito que esta não combina com o meu jeito. Pode ir, obrigado. (O homem sai "passando a alma" e próximo.) [entra uma mulher com duas almas perdidas numa cartolina].

Mulher : Bom dia, Sigafredo. Trago aqui duas almas. Por um acaso, a tua seria uma delas.

Sigafredo: [Verificada, meditando-se na relação de almas] Não, nenhuma se ajusta ao meu corpo.

Mulher : Por que não experimentas? Quem sabe?..

Sigafredo: Não, não. Sou muito ocupado. Não tenho tempo a perder. Obrigada. (A mulher sai com as almas)O próximo é!

[entra um homem com um balão de alma]

Homem 2 : Bom dia, Sigafredo! Trago um balão de alma. Por um acaso a tua poderia entrar entre elas.

Sigafredo: Não, minha alma nunca caberia ali dentro.

Homem 2 : Ora, quem sabe? Tenho medido. Algumas poderiam lá entrar.

Sigafredo: Não, obrigado. Pode ir. [ansioso] Próximo! (O homem sai resmungando, arrastando o balão. Muitas pessoas vão passando pela frente de Sigafredo) Cada uma é uma alma diferente de alma. A todas Sigafredo diz que não. Desolado. Frustrado. Sigafredo expulsa.) Chega a estas já me resignei a viver mesmo sem alma. Esta noite vou sair e vou beber...

[Música: Angélica Maria, cantando "Eu quero para sempre". Sigafredo melancólico, perdido, desolado. encontra uma mulher vestida de de preto, à porta de um bar. Encostado nela sua alma.]

Sigafredo: Minha alma desagregada! Aqui à porta de um bar..

[A alma se retrai] e se parece tão pobre

Aísa : Sim, Sigfredo. Mas estou tranqüila agora.

Sigfredo: (aproximando-se) Você, você se remover... (Aísa o rejeita) Pensando melhor, acho que não vale a pena.

Aísa: Também acho, eu não tenho o menor interesse em voltar pra você.

Sigfredo: (Assado) Olhe, diga que já aprendeu a viver por conta própria, não é?

Aísa : Sim, sim. E agora estou satisfeita em que se encontra sinto-me independente.

Sigfredo: Não quero te ver mais não. Bequi para frente com as duas mãos estendidas... entendê?...entendê?...

(Sigfredo passa por ela e entra no bar. Fala no drink. Bebe e volta-se para olhá-la pela última vez. Aísa dá alguns passos sem olhar para ele. Depois seu cheio de bebida e de pensamentos apressados dela está. Ela vai se afastando atendo-se a sua embora. Sigfredo começa apertar o que restou dela: o seu cheio. Sai.)

CENA 10 : A balança total

(Música de fundo: abertura d'um disco clássico, entram as personagens e preparam a cena: uma cadeira no centro do palco. Vão buscar Gertrudes, a balança total. Ela senta. De costas as personagens, colocam as capas. As personagens vão agora, três separadas.)

Apelão 1: Esta é Gertrudes.

Apelão 2: A balança Gertrudes.

Apelão 3: Gertrudes, a balança total.

Ap 1 : A balança de Gertrudes fascinava a toda mundo.

Ap 2 : Até a própria Gertrudes ficava fascinada.

Ap 3 : As apelões da casa não pairavam diante da sua real.

Ap 2 : Mas recusavam a refletir o rosto dozeira pessoa da família.

Ap 1 : As visitas então, nem se fala...

Exp. 2 : Não conseguem abençoar o corpo todo de Gertrudes.

Exp. 1 : Era impossível de tão longe.

Exp. 3 : O mordomo! Ah não! (Pausa) Suicidou-se com uma fôrça de Gertrudes sobre o peito.

Exp. 1 : Um dia, a noiva saiu à rua... (Os espelhos de afofadas/Gertrudes se levanta, enquanto dá uma volta em torno da cadeira, ouvindo os ruídos das pessoas empurradas com suas baixas, corte, entra a mãe.)

Mãe : Fitas...(Pausa) Eu sei, eu sei que você voltou logo para casa...(Pausa) Mas o desgracioso não o fez durar mais de uma semana. (Entra o Senador) Ah, está o Senador. Ele veio para nos ajudar.

Senador : O Senado reuniram-se em sessão extraordinária, e.... decidiram por algumas proibições.

Mãe : Como sua mãe, pensando só no seu bem, te proíbe de sair à rua outra vez.

Senador : E o Senado aprovou lei de emergência que te proíbe de chegar à janela.

Mãe : A partir de hoje, você viverá confinada neste salão sem nenhuma janela. Apenas com dois espelhos. Vai ver melhor assim. (Assombrado de porta pesada se fechando)

(Música: Sôfones de Mozart. Entram os espelhos.)

Exp. 1 : E Gertrudes não pode fazer nada.

Exp. 2 : Nenhuma ação. Este era seu destino fatal.

Exp. 3 : A extrema bebezão

Gertrudes : Eu sou feliz, estou no mundo? Eu sou feliz, pois sei que sou insuperável.

Exp. 1 : E assim, trágico, o tempo foi passando.

Exp. 3 : Por falta de espaço foram se acobordando as condições de vida.

Exp. 2 : Um dia, Gertrudes correu as almas para sempre.

(Gertrudes tira sua capa e a deixa caída no chão. Afasta-se)

um pouco com os espelhos. Entra um cortejador com a mão apertada e a cabeça baixa, a mão chora, lamenta-se. O cortejo passa-se dirigindo para o fundo da casa.)

Exp 1 : O corpo enfiado foi levado ao jardim.

Exp 2 : Mas a beleza de Gertrudes continuou palrando, viva.

Exp 3 : Agora lamenta, mas beleza continua pelo salão. até hoje trancada a sete chaves.

(ao fim do cortejo está no fundo da casa. via da música. ao tempo.)

CENA 11.1 - ELEMENTOS DE UM CORTO

(Entre um voz, grave, de atores, que entram no cortejo, e-
lhas para a platéia e se colocam para ouvir.)

VOZ : Ilacuna, Pedro Pedro.

A primeira mata brasileira ergue suas li-
nhas na praia. O relevo fica a 100 metros da entrada
do Rio-Santos. O mar, os viajantes, o urânio, o fu-
turo.

Por que o índio deu esse nome ao lugar?

De Ilacuna, na costa está sendo elaborado, mas con-
tista nenhuma é capaz de prever-lhe o desfecho.

(Entre o "Mocapilheiro", de Oswald de Andrade e Gastão Veloso,
os atores se dirigem à boca da casa.)

"no rio-de-agüzar
De cada dia
Dai-nos, senhor,
A Poética de cada dia."

: FIM :

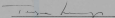
REPORTAGEM

Começo membro do corpo de jurados do 2º Festival de Teatro
Amador, promovido pelo Centro Cultural de São Paulo e pela FIPALB,
tive a oportunidade de assistir à peça "A Inesperada de ser ver-
dadeira" sob a direção de Paulo Nacado e Zéba del Parra.

Fiquei bem impressionado com as soluções técnicas encontradas
pelos diretores que conseguiram uma integração física e criativa
entre os vários textos de Carlos Drummond de Andrade. Percebi tam-
bém que foi realizado um intenso trabalho com os atores quanto ao
uso do espaço, da voz e do próprio corpo na relação com os outros a-
tores e na construção dos personagens.

Acredito, portanto, ser de maior importância dar continuidade
a esse trabalho que o grupo Lincepa vem desenvolvendo. Senti gran-
de entusiasmo e capacidade de entrega em todos os seus membros. Es-
pero que eles possam continuar praticando esse ato de amor e magia
que é o fazer teatral.

Atenciosamente



Teresa Brenner Mancuso

Diretora e Crítica teatral